

O território do cotidiano¹

Deusdedith Junior²

Do logos com que mais constantemente convivem, deste divergem; e (as coisas) que encontram cada dia, estas lhes parecem estranhas. (B-72 – Heráclito).

Resumo : Neste artigo pretendemos estabelecer condições de compreensão da noção de cotidiano, apontando para uma perspectiva histórica que permita o seu emprego, metodologicamente, na investigação dos significados que as representações sociais fazem surgir das relações entre os seres humanos. A história, assim, revelar-se-ia o acontecimento da vida humana na sua integralidade, que pode ser percebido dos mais diversos modos e a partir dos mais variados indícios, conduzindo-nos a interpretações que, por mais parciais que apareçam, é pelos sentidos e coerências que se afirmam.

Palavras-chave: cotidiano, interpretação histórica, identidades, representações sociais, cultura, pós-modernidade.

The every day territory

Abstract: In this article I intend to establish conditions of the understanding of every day notion, showing to a historical perspective that allows its employment, methodologically, in the investigation of the meanings that the social representations arise from the relationships among human beings. Thus, the history reveals the occurrence of the human life in its integrity that can be perceived from several manners and diverse marks, leading us to the interpretations that seem to be partial, but is through senses and coherences that they declare.

Key words: every day, historical interpretation, identities, social representations, culture, post-modernity.

¹ Este texto foi oferecido como trabalho final para a disciplina **Processos Identitários e Configurações Cotidianas**, da Professora Eleonora Zicari Costa de Brito. Foi publicado pela primeira vez na revista nethistoria.com em outubro/2004.

² Deusdedith Alves Rocha Junior, doutorando em História na Universidade de Brasília - UnB, professor do Centro Universitário de Brasília - UniCEU, tem artigos publicados em periódicos especializados, atua na área de história e é membro do "PADÉ : estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos." zezeu@homemdocerrado.com

O cotidiano e a interpretação histórica.

Neste artigo pretendemos estabelecer condições de compreensão da noção de cotidiano, apontando para uma perspectiva histórica que permita o seu emprego, metodologicamente, na investigação dos significados que as representações sociais fazem surgir das relações entre os seres humanos. A história, assim, revelar-se-ia o acontecimento da vida humana na sua integralidade, que pode ser percebido dos mais diversos modos e a partir dos mais variados indícios, conduzindo-nos a interpretações que, por mais parciais que apareçam, é pelos sentidos e coerências que se afirmam.

Identificar o cotidiano compondo-o de traços que nos permitisse apontá-lo em situações da vida humana, ensejaria aqui a possibilidade do seu emprego na interpretação histórica. O cotidiano não se configuraria noção específica da história – a reflexão sobre a vida humana não o é –, mas a sua percepção no percurso histórico traria a esta um recorte especial: uma história de onde tudo parte, desde o fato mais original até o ordinário.

Nesse espírito, não buscamos uma fórmula, uma chave que abra todas as portas com um conceito definitivo de cotidiano, mas algo que requer, antes, o percorrer de todo o trajeto empreendido, sob pena de perder-se o sentido.

O cotidiano será identificado aqui, em princípio, como “território”. Configura-se assim um “lugar”: espaço e tempo construídos. Como resultado de um processo de socialização em que uma forma específica de interação que relaciona o “indivíduo” ao “grupo” ocorre, engendrando personalidades, capacidades e comportamentos que se misturam em disputa pela escolha dos traços identitários, forma-se ali uma marca que transforma o “espaço” (geográfico, geométrico, variável de tempo) em “lugar” (simbólico)³.

O território do cotidiano define-se assim por um lugar onde age o indivíduo tornando humana a sua vida. Dialoga o cotidiano com o estranho e o diferente, mas é somente diante destes que se reconhece.

³ Michel de Certeau. **A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2001:201.

A ordem do cotidiano está contida na história. torna-se pouco proveitoso perceber a história senão permeada pelos acontecimentos do cotidiano, de onde tudo parte, como nos sugere Agnes Heller quando afirma que “a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social”⁴.

Desse modo as relações de trabalho, os atos públicos, a vida social, as decisões políticas, os acontecimentos econômicos, os discursos formadores de marcas identitárias e todas as ações que, quando destacadas sobressaem-se ao cotidiano, partem da vida cotidiana; ganham particularidade graças ao cotidiano, onde são gestadas e postas em funcionamento.

Desce-se ao cotidiano. Ele fica lá em baixo, na raiz, e sustenta tudo o que se lhe sobrepõe. O cotidiano é assim a percepção do “comum”, daquilo que se tornou habitual mas sem o qual não viveríamos humanamente, não reconheceríamos os outros, o mundo e nem a nós mesmos.

Permeado por fronteiras – o outro, o mundo –, o indivíduo constrói entre elas a sua existência, o seu pensamento, as suas marcas identitárias. É perpassado por estas fronteiras constantemente afirmadas, fronteiras e existência, habitando lugares onde o reconhecimento e, em geral, a sua “naturalização”, que estabelecem condições para a convivência.

As fronteiras do cotidiano formam, portanto, aquilo que Geertz trata por “contextos híbridos”⁵, “rede de contextos”, ensejando que é como “teia de significações” que devemos tomá-las, pois é em torno de uma grande negociação diária que damos sentidos ao mundo e tornamos a vida humana possível. É no cotidiano, portanto, que se inscreve a cultura, como um sistema de saberes (dos saberes complexos ao senso comum), lugar onde tudo pode ser reconhecido, como desejável ou não, para as realizações da vida diária. A confirmação de uma visão ideológica da realidade, o gosto artístico, a crença religiosa, os hábitos do dia-a-dia, as possibilidades das relações familiares, com os amigos ou com estranhos, em tudo os saberes prévios do cotidiano nos orienta sobre como agir, o que evitar, aceitar, questionar.

⁴ Agnes Heller. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000:20.

⁵ Clifford Geertz. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

O cotidiano é ainda território do contraditório, do relativo e do confuso. Aquilo que nos parece “normal” somente assim se afirma porque decidimos claramente sobre o que não o é. Os nossos códigos da vida diária estabelecem simultaneamente aquilo que pode e o que não pode, o que devemos e o que não devemos; e a cultura em que vivemos surge assim complexa e variável. Plural. A sua pluralização ocorre em um mundo onde também são relativizadas noções como por exemplo, a guerra: uma guerra que acabou, mas não inteiramente; uma guerra que parece existir mas não se revela; a percepção de que a vida é uma guerra (então já não é mais a guerra a suspensão do cotidiano); a concepção de que todas as relações humanas são uma guerra (logo há guerra em casa e na rua, no trabalho e no lazer, na cidade, no país e no mundo). Em contrapartida, a noção de liberdade em geral não se relativiza, mas apenas o modo de percebê-la: vêmo-nos cada vez menos livres. Ainda, este é o mesmo mundo da prosperidade econômica. – Um mundo marcado por significações plurais (relativistas) e universalistas.

Desse modo o território do cotidiano é multiforme e dinâmico. Não se inscrevem os acontecimentos diários em uma rotina que não contém o erro, o contraditório, a falha. O mundo da regra que estabelece a sua transgressão no eventual somente existe no discurso que sustenta a normalidade do real. Em geral, nos atos, nas palavras e nos pensamentos, convivemos com o conflito e a incerteza. A sua negação, em favor de uma ordem perfeita do mundo será sempre um discurso ideológico, dominante e reacionário.

Não convém, no entanto, que passemos a vida a refletir sobre os nossos atos diários como se pudesse-mos encontrar razão e consciência em tudo o que fazemos. É desta forma que conduzimos ao sentido de “normalidade” e de rotina os nossos atos; mas o seu fundamento continua sendo – permeado pela incerteza – a afirmação do humano em nós.

No cotidiano construímos a nossa existência como percepção da nossa humanidade e como percepção da identidade e da diferença que estabelecemos com o outro. Reafirmamos assim a condição de territorialidade que atribuímos ao cotidiano, porém não como “palco”, um espaço onde ocorre, sem a sua interferência, os acontecimentos, mas como lugar que age: uma rua feita por seres humanos que lhes retorna com significações (da cidade, do bairro, da própria rua) capazes de conferir especificidades aos indivíduos que dela participa. Os efeitos que produz hão de conferir

*PADÊ : estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. Brasília, UniCEUB
FACJS, Vol.1, n.1/06. ISSN 1980-8887*

sentidos (sempre no plural) à vida humana forjando indivíduos, tanto no seu “ser particular” quanto no seu “ser genérico”⁶. Daí constituirmo-nos de identidades e de diversidades simultaneamente.

A nossa identidade remete sempre àquilo que concebemos como o modo de ser humano. E naquilo que duvidamos do modo de ser humano inscrevemos a diferença. Como assinala Sandra Pesavento, a identidade, no campo da História Cultural, “é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento.”⁷ Ao mesmo tempo, produz uma “coesão social” e permite o reconhecimento do indivíduo diante do grupo, e em consequência disso estabelece a diferença em relação ao outro (aquele que não pertence ao grupo).

O cotidiano é então o exercício diário dos atos fundadores da identidade e da diferença. Negociando, impondo, propondo, submetendo, dispomos das marcas com as quais forjamos a nossa individualidade (do “ser genérico” e do “ser particular”; do “público” e do “privado”) e construímos a nossa história: uma história de todos; uma história da interação das identidades e das diferenças.

Os lugares sociais que ocupamos interagem, portanto, com as nossas e as marcas identitárias daqueles com os quais vivemos, produzindo assim a historicidade da vida humana nos acontecimentos do cotidiano.

No que concerne à rotina, o cotidiano se caracteriza, não pelo ato que se repete, mas pelo conhecimento que temos dele, pelos saberes que construímos para viver satisfatoriamente num mundo de atos que parecem se repetir; inclusive pelos saberes que promovem a suspensão e o retorno aos atos “repetitivos”. Criamos então um leque de inteligências com as quais garantimos a possibilidade da vida, da nossa e do grupo, sabendo responder com uma espécie de lógica aos impasses diários. Construímos um conhecimento sobre o mundo e seu funcionamento que se tornam as respostas ao que nos surge como o incerto.

São do âmbito dessas respostas os saberes que mais usamos na cotidianidade e que por isso os temos como comuns. O senso comum resulta de uma inteligência sobre o mundo, não se trata apenas de uma explicação mítica e mascaradora da realidade, mas

⁶ Agnes Heller. Op. Cit. p.20.

⁷ Sandra Jatahy Pesavento. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003:89.

é acima de tudo um saber que promove satisfatoriamente a realização da vida humana. O senso comum lança-se, portanto, e com relativa vitória, contra as incertezas do mundo; torna compreensível, sem crítica, o território do cotidiano e estabelece o ponto de partida para a vida do grupo. O cotidiano, porém, se aí se inicia, ainda percorre longo caminho em seu processo de concretização.

Por fim, a fluidez do senso comum é que permite o improviso na conduta dos atos diários e tal improviso, permite, por sua vez, a coexistência da norma, como uma moral, com a sua transgressão, no momento em que ela ameaça a “normalidade” instituída pelo grupo. Mas nem sempre essa saída permanece nos limites da ética.

As tradições, as identidades e as representações são então a concretização desse conhecimento e desses saberes sobre o cotidiano. Construídas nela e ao mesmo tempo fundadoras da nossa humanidade, as identidades e as representações instituem modos de viver que dão sentidos ao mundo. As tradições caracterizando aqui um modo de viver que tem no passado, como uma herança, a força para assentar saberes que nem sempre se querem úteis ou verdadeiros, mas que permitem fundar o sentido de grupo; as identidades, o discurso que promove ao indivíduo e ao grupo a idéia de pertencimento e de “coesão social”, ao mesmo tempo que dá sentido à diferença; e as representações são as “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real”⁸.

Com estes elementos podemos atestar a complexidade da vida cotidiana e o seu sentido e centralidade históricas. Percebê-lo, é revelar o tecido de uma vida ou da vida de um grupo, perpassados por um emaranhado de outras vidas pertencentes a este e a tempos anteriores.

Significados e pluralidades do cotidiano.

No cotidiano os significados e as intertextualidades são indeterminadas. Como nos propõe Stuart Hall, “Tudo o que dissermos tem um antes e um depois – uma margem, na qual outras pessoas podem escrever”⁹. Ou se recorremos à Roland Barthes, vemos que este percebe tanto os limites contidos na linguagem quanto as suas possibilidades de transposição através da “literatura”, uma interpretação que ultrapassa

⁸ Idem, p. 39.

⁹ Stuart Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997:41.

o sentido primeiro e, como nova metáfora, possibilita a crítica. O texto surge assim como um espaço multidimensional onde se encontram, se chocam e se combinam muitas “escrituras”. Sua superioridade sobre a linguagem (a língua) é verificada na medida em que tomamos esta como o lugar onde se inscreve o poder, não nos cabendo tomá-la por reacionária ou progressista. “Ela é *fascista*, pois, o fascismo não consiste em impedir de dizer algo, mas em obrigar a dizer”¹⁰. Assim, a linguagem se define como um campo indeterminado em que recorremos para dar sentidos ao mundo sem a garantia da sua realização. A certeza da repetição dos acontecimentos do cotidiano seria, então, mera ilusão que esconde um leque de probabilidades infinitas.

Os atos diários seriam assim apenas aparentemente repetitivos, pois a produção de cada um ocorre em um contexto diverso e produz, não um retorno ou repetição, mas uma continuidade da vida de cada um. A lentidão ou a velocidade do transcorrer de nossas vidas permanecem inscritas no tempo e na história.

O cotidiano se revela assim, plural, híbrido, miscigenado e complexo. Longe da unicidade sugerida pela idéia de repetição dos atos cotidianos, estes se revelam plurais porque suas ocorrências, como notamos acima, fundam sentidos diversos e traçam a continuidade indecisa da história.

Nos atos diários, como por exemplo, pegar o mesmo ônibus todo dia, inscreve-se a possibilidade de realização da historicidade de nossas vidas. Onde nos sentamos, com quem conversamos, sobre o que conversamos, a percepção da ausência de alguém, tudo ocorre num espaço e temporalidades que conhecemos, o que nos garante alguma segurança aos nossos atos; muito longe porém, estamos, da mera repetição. Conhecidas as situações, negociamos melhor sobre os lugares sociais que ocupamos no transcorrer da vida cotidiana. No entanto, isto ainda apresenta incertezas e inseguranças.

No mesmo exemplo, devemos considerar que o exercício da vida cotidiana, inscrito na vida em sociedade, conclui-se como resultado das vontades – por sua afirmação ou sua negação – originando fatos novos híbridos. Consideramos que as ações cotidianas produzem o conhecido, o esperado, o normal e o ordinário mas mesmo isto revela enorme variedade e ao mesmo tempo convive com o desconhecido, o inesperado, o anormal e o extraordinário. São as conjunções opostas que revelam o

¹⁰ Roland Barthes. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996:12.
*PADÊ : estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. Brasília, UniCEUB
FACJS, Vol.1,n.1/06.ISSN 1980-8887*

cotidiano então. No mesmo ônibus, todo dia, jamais contamos as mesmas histórias, mesmo quando fazemos uso dos mesmos discursos.

Miscigenado, o cotidiano se revela o comum. Mais que o simples, o habitual e o normal, o “comum” do cotidiano representa aquilo que é pertencente a todos, como sugere Agnes Heller quando declara que “a vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção (...)”¹¹.

Enfim, a complexidade do cotidiano traduz-se naquilo que Heller chamou de “heterogêneo”¹² do cotidiano, ou seja, o fato deste referir-se aos mais diversos aspectos da vida, como as relações familiares e de trabalho, a vida privada, as sensibilidades, o descanso e o lazer, as relações de gênero, de etnia e a construção das identidades. Infundam os lugares onde se percebe a vida cotidiana a construir e reformular os modos de realização da nossa humanidade.

É no cotidiano que realizamos (construímos e vivemos) as identidades. Como já o dissemos, as identidades são modos de afirmação (e/ou negação) do humano que permitem as interações entre os seres humanos e, em certa medida, a realização da história. Elas são realizadas simbolicamente no cotidiano e produzem noções de pertencimento como classe, gênero, grupo, etnias, nacionalidades, faixas etárias, profissões etc. Tais representações identitárias por serem entendidas como “uma construção simbólica de sentidos”¹³, integram o imaginário social, produzem práticas sociais e valores que permitem o reconhecimento do outro ou formas de exclusão. Tais processos ocorrem na vida diária, permitindo sob os mais variados aspectos o posicionamento dos indivíduos na sociedade, como incluídos ou excluídos.

Assim, o cotidiano pode ser entendido como o território onde agem as representações identitárias, dos incluídos e dos excluídos. Remetemo-nos mais uma vez à complexidade da vida cotidiana, lugar da encenação, do discurso e do estabelecimento de variadas formas de múltiplas marcas identitárias.

No cotidiano produzimos os modos de ser e de viver. Produzimos percepções e interações com o tempo e o espaço, as relações sociais, os saberes, os desejos e os elementos do imaginário. Os produtos da cultura, o mundo da sociedade, são compreendidos e negociados por todos como representações sociais. Sandra Jatahy

¹¹ Agnes Heller. Op. Cit. p. 17.

¹² Idem, p. 20.

¹³ Sandra Jatahy Pesavento. Op. Cit. p. 89.

Pesavento, partindo das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, considera que estas

“são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”.¹⁴

Tais representações são, por fim, formas concretas de encenação do cotidiano. Promovendo diálogos entre saberes (o senso comum, a arte, a religião, a ciência, a filosofia) possibilitamos a convivência entre eles na ordem do cotidiano, desde que possam ser reduzidos ao senso comum. Mas, antes que uma simplificação, trata-se mais de uma reelaboração, conduzindo os saberes que não são dominados por todos às condições de ordem e de normalidade que presidem a vida cotidiana.

Assim, produzimos o habitual e o estranho. O primeiro caracterizado pelo que é comum ao grupo, não exigindo reflexões ou explicações prévias ao seu ato de execução. Os hábitos, porém, envoltos na complexidade da vida cotidiana, só podem ser considerados repetitivos, se tomados em seu ato particular, descontextualizado – mas desse modo ele também acabaria por promover o seu sentido oposto: o estranhamento. Este, pertencente à ordem do dia-a-dia, é o que nos permite conceber a territorialidade do cotidiano, o seu alcance espaço-temporal e a sua historicidade. Naquilo que se altera em relação à ordem e à norma, mas que beira cada uma delas, é que vamos notar o movimento intenso dos acontecimentos cotidianos: o exercício do trabalho e a greve; a obediência ao pai e a revolta; a fidelidade e a traição; o que consideramos trabalho e ócio, trabalho e não-trabalho, trabalho e vagabundagem etc.

Ampliando ainda mais as percepções sobre os modos de ser e de viver, encontramos-nos diante da noção de cultura. Mas anotamos antes que nos interessa perceber mais o lugar que ela ocupa no território do cotidiano que encontrar um conceito completo e definitivo. Quanto ao conceito, Jean Ladrière considera como o

“conjunto das instituições, consideradas ao mesmo tempo em seu aspecto funcional e em seu aspecto normativo, nas quais se exprime certa totalidade social e que representam, para os indivíduos pertencendo a essa totalidade, o quadro obrigatório que modela sua personalidade, prescreve-lhes suas possibilidades e, de certa forma, traça, de antemão, o esquema

¹⁴ Idem, p. 39.

de sua vida no qual poderá inserir-se sua existência concreta e pelo qual ela poderá tomar uma forma efetiva. A cultura, desse ponto de vista, não é outra coisa senão a sociedade mesma, tomada em sua realidade objetiva, enquanto impõe aos indivíduos que dela fazem parte certo estilo de existência”.¹⁵

Tomada dessa forma, a cultura se caracteriza pelo modo como os indivíduos realizam as suas vidas na coletividade social. Tal processo ocorre porque a vida em sociedade promove um “enraizamento”, a capacidade do ser humano de “encontrar-se no mundo e interpretar-se a si mesmo como ser humano, apreender-se a si mesmo, ao mesmo tempo no nível das representações e no nível dos sinais vividos, em sua qualidade especificamente humana”, e promove “finalidades”, permitindo ao indivíduo “orientar-se, tanto em sua vida individual, quanto em sua vida coletiva”.¹⁶

Tomada como estrutura, mas sem torná-la rígida, este autor nos leva a considerar a pluralidade de culturas, o ser humano como sujeito (e também como “objeto”) da cultura e conseqüentemente a cultura como algo inerente a todos os seres humanos. Assim, a vida cotidiana se organiza também a partir dos elementos culturais instituídos e vividos pelos indivíduos diariamente. Complexos e conflituosos ainda, pois que a organização da vida em sociedade em todos os seus aspectos o é.

O cotidiano é sempre o cotidiano-com-os-outros. Não o vivemos sozinhos e isolados; a vida cotidiana apresenta-se como “um mundo intersubjetivo”, como nos propõe Berger e Luckman¹⁷, “um mundo de que participo juntamente com outros homens”. A linguagem, o conhecimento, a temporalidade e a espacialidade atribuídas à realidade da vida cotidiana num só tempo fazem-na compreensível (como norma ou como ordem) e comum (todos participam dela). Não quer dizer isto que o cotidiano institui uma regra absoluta, mas que nossas construções individuais dialogam com as construções daqueles com quem convivemos. Somos então levados mais uma vez à percepção de conflitos e impasses quanto à ordem do cotidiano.

O primeiro desses conflitos refere-se à autenticidade de nossa individualidade. O quanto somos nós mesmos ou apenas repetimos os gestos e o que os outros também o são, torna-se assim um modo de criticar a realidade da vida cotidiana que, independente

¹⁵ Jean Ladrière. **Os desafios da racionalidade**. Petrópolis: Vozes, 1979:77.

¹⁶ Idem. p.202.

¹⁷ Peter L. Berger e Thomas Luckman. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2002:40.

das conclusões encontradas revela em princípio o pressuposto de que outros modos de ver o mundo, para além do senso comum – o modo inicial de conhecimento do cotidiano –, existem.

Decorrente dessa primeira percepção mas contrariando o seu sentido crítico, vemos os outros “massificados”, anônimos e alheios. Numa espécie de alienação e completamente absorvidos pelas normas e ordens instituídas no cotidiano, tomamo-nos como único agente capaz de conduzir a historicidade da vida humana (condição que podemos estender a outros poucos por uma regra de identidade), pois que os outros, a grande “massa” de “anônimos” com os quais convivemos são meros reprodutores mecânicos de uma ordem que apenas poucos sabem conduzir sem serem conduzidos.

Nos dois casos entretanto, construímos sobre o cotidiano a impressão de que a sua presença nos é opressora. Impõe-nos a ordem do cotidiano a permanência e a aceitação da realidade por ela construída sob a pena da exclusão, pois a vida humana somente é possível no grupo, e o grupo, na ordem do cotidiano. Daí identificarmos o mundo do cotidiano com o mundo da repetição dos atos, da regularidade e da ordem e da normalidade. É no próprio mundo do cotidiano, porém, que devemos buscar a superação desse sentimento de opressão.

Pensar o cotidiano implica ainda em pensar outras relações entre as classes sociais além da “luta de classes”. Não quer isto dizer que esta modalidade de percepção das relações entre os seres humanos não pertença ao cotidiano, mas que tais relações não se resume à ela, ficando o conhecimento do cotidiano passível de compreensão quando percebido nas outras estratégias que engendram a vida em sociedade.

A história do cotidiano “é a história da vida diária de homens e mulheres”¹⁸, onde podemos perceber permanências e mudanças no tempo e no espaço, sociais e culturais, num processo que revela um conhecimento do mundo e, a partir dele uma ação “segura”, ou seja, a idéia de que nossas ações são um jogo de repetições conhecidas e de resultados esperados. No entanto, outra olhada revela que, como nos propõe Edwiges Zaccur, “o que aparentemente se repete, no próprio processo de

¹⁸ Agnes Heller. **A condição política pós-moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998:208.

repetição, tanto se *reitera* como se recria, produz *iterâncias* realimentadoras, por menores que sejam as alterações, por acréscimo ou desgaste”¹⁹.

A percepção do cotidiano como algo repetitivo, longe de proporcionar a segurança pretendida, produz a idéia de opressão e de cansaço. Somos empurrados à ameaça de viver uma vida sem fatos extraordinários, pois somente na ordem do cotidiano a vida deixa de ser ameaçadora. No entanto, ao nos sentirmos oprimidos pelo cotidiano criticamo-lo e nos pomos em busca da sua superação. Fundamos aí a utopia. Esta, porém revela-se parte dele, pois que é a sua crítica.

O discurso sobre o cotidiano, porque o reflete, é breve, logo começa a se repetir. Mais ainda, não promove grandes reflexões. É o senso comum. Todos podem compreendê-lo, mas rapidamente estão saciados dele. Somente a sua crítica, a utopia, pretende superá-lo no seu interior. Saturados do cotidiano, é somente nele que podemos encontrar a nossa própria autenticidade, as nossas raízes. Desse modo, o cotidiano também é o território da realização da utopia.

Por fim, Fundamos o cotidiano para viver a vida humana com o outro, mas é também na cotidianidade que ameaçamos a humanidade (a nossa e a do outro). Longe da mesmice e da banalidade, o cotidiano é marcado pelo conflito. Todos os atos diários, negociados, propostos, incertos, do qual sabemos somente que pode produzir o efeito esperado depois de realizado, pois que de tudo temos uma memória fracionada e parcial. O jogo lógico que nos leva à certeza é mais ainda um ato de fé que uma concepção racional. E nele depositamos nossas esperanças de realização da nossa vida, no diálogo, nem sempre pacífico, com o outro e a realização da sua vida.

Haverá sempre uma lembrança, mesmo que inconsciente, a produzir sentidos novos, como uma raiz de onde parte o caule, e deste, os galhos; mas não se tratam das mesmas coisas, não é mais o mesmo tempo nem o mesmo espaço. O cotidiano na história não é o palco inerte, imóvel, como já o negamos anteriormente, senão espaço e tempo preenchidos de significados em pleno processo de contínua transformação. Território, portanto; definido por marcas identitárias e vivido por todos.

Conclusão

¹⁹ Edwiges Zaccur. *Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas*. Em Regina Leite Garcia. (org). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003:180.
PADÊ : estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. Brasília, UniCEUB FACJS, Vol.1,n.1/06.ISSN 1980-8887

Como conclusão para estas elocubrações sobre o cotidiano, destacamos ainda que a distância entre as concepções racionais e a sua realização na vida cotidiana acabam por revelar: 1) como as representações sociais da realidade apropriam-se do saber científico/filosófico mas não o repetem (no cotidiano não racionalizamos o tempo todo); 2) como os sistemas de coerência dos discursos sobre o real não são fundados apenas em dados racionais; 3) como os movimentos sociais/culturais não podem ser reduzidos às suas formulações racionais, sob pena de os vermos como incoerentes e; 4) como o cotidiano é imprescindível para a percepção histórica (mesmo quando ele não aparece, ele está lá).

Viver o cotidiano, portanto, não significa, não apenas agir do mesmo modo diariamente, como também mover-se guiado somente pelo senso comum. É preciso considerar que os modos de conhecimento do mundo (de nós mesmos e dos outros aí se incluem) são postos em ação nas elaborações da nossa vida diária e o seu resultado, o cotidiano, consubstancia-se na complexidade dos acontecimentos ordinários e excepcionais que nos ocorre.

A noção de cotidiano para Agnes Heller está relacionada com a história na medida em que se refere à vida humana. Sua condição de percepção, porém, exige o abandono de uma modalidade de história que não o percebe “digno” de registro e de interpretação. Desse modo, o cotidiano aparece para a historiografia diretamente relacionado com a história social e cultural, novas modalidades metodológicas, tendo como contraponto a história política oficial (onde o acontecimento histórico é marcado pelo excepcional). Mas o acontecimento político (não-cotidiano) mesmo aí somente faz sentido se permeado pelos acontecimentos triviais do cotidiano. Assim toda a história é por ele perpassada. Ele é aquilo que não foi dito da mesma história.

A vida cotidiana se caracteriza pelo ato fundado pela história e dá sentido à vida dos indivíduos. Ao mesmo tempo revela o social e permite ao indivíduo construir uma consciência sobre ela (a vida cotidiana), sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo.

Assim, o cotidiano pode ser o ponto de partida da interpretação histórica; a sua percepção na interpretação histórica depende da observação dos acontecimentos diários a partir de um olhar invertido: aquilo que parece irrelevante para representar uma dada realidade, é ali que se revela o histórico, em seu ponto de partida; há algo de empírico

na investigação histórica do cotidiano; as técnicas da história oral e a “descrição densa”²⁰ – uma etnografia – podem fazer se revelar o esquecido na história. Sua importância? O fato histórico não paira no ar. Pertence ao mundo do cotidiano, foi ali gerado e o seu retorno a este território é que lhe confere sentido; mais que o curioso e o novo olhar que concede à história, o cotidiano revela o quanto ela é humana, marcada pelo esforço da afirmação do humano em nós e a sua incerteza. Este, o conflituoso território do cotidiano.

Michel de Certeau, citando Paul Leuilliot, define o cotidiano como “aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente”²¹. O pressuposto de Heller, de que no cotidiano se processa uma “revolução social” concede a possibilidade de história ao cotidiano, inscreve a possibilidade de narrar e interpretar aquilo que parece ter sido sempre o mesmo.

²⁰ Clifford Geertz. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

²¹ Michel de Certeau; Luce Giard e Pierre Mayol. **A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2001:31.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2001.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2001.
- GARCIA, Regina Leite. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HELLER, Agnes e FEHÉR, Ferenc. **A condição política pós-moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- HELLER. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LADRIÈRE, Jean. **Os desafios da racionalidade**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru – SP: EDUSC, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ZACCUR, Edwiges. *Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas*. Em GARCIA, Regina Leite. (org). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.